

Uma tarde séria da TV Senado

31 JUN 2001

Mariza de Macedo-Soares*

GAZETA MERCANTIL

Quando o tempo permite, assistir à TV Senado é muito melhor que conferir as sitcom do Sony. E olha que estas são ótimas.

Os ilustres senadores, na maioria homens muito bem vestidos, com cabelos impecavelmente penteados, se dividem em salas para discutir assuntos que variam de sérios ao sexo dos anjos. Mas, uma coisa se deve reconhecer, todos acreditam estar resolvendo o destino do povo que os elegeram, e resolvendo para um fim maravilhoso. Parece coisa de cinema. Há uns mais elegantes nas atitudes, outros, menos, adeptos da grosseria, do palavreado beirando o chulo e há os onipresentes, caso do senador Suplicy, que consegue ir a todas as comissões, votar e palpar qualquer projeto que algum colega seu tenha proposto, por mais absurdo que seja. O senador Suplicy presta atenção a todos e, com a mesma seriedade que emite opinião e voto numa sessão onde há uma cassação em jogo, age na que discute o sexo dos anjos.

Mas, um dia a TV Senado tinha que ficar muito séria, para que pudéssemos continuar pensando nos nossos senadores como aqueles do Senado norteamericano que aparecem em filmes.

E, esse dia chegou.

Foi quarta-feira, dia 29. O



País parou e Roberto Marinho deve ter se irritado de montão. O ibope nem foi registrar o que acontecia nas outras emissoras. A grande estrela da tarde foi a TV Senado. Afinal, ACM, um dos homens mais poderosos que a História do Brasil já teve, marco de uma era em que a política era feita de maneira muito particular, velha raposa, animal político por excelência, ia se pronunciar e ler sua renúncia.

Foi um show. Craque no vernáculo, elegante em seu terno azul escuro (ACM se veste na Daslu), seguro, tom de voz calmo, leitura pausada e clara (Carlos Lacerda era o rei disso), fez do plenário no Senado

um ambiente em que o silêncio era de sala vazia. Com português correto, fez uso de fina ironia, olhou em direção das pessoas que atacava com a sutileza que lhe é característica, falou pelo tempo que quis, sem ser aparteado, nem por suspiros ou meneios discordantes de cabeça e saiu, prometendo que volta.

Ao presidente do Senado deu conselhos. Nem de longe lembrava o Toninho Malvadeza. Era pura Ternurinha. Barbalho, impecavelmente vestido e, impecavelmente elegante no porte e na atitude, tentou dar continuidade à perfeição que corria naquela vetusta casa.

Anunciou: "a Casa está de recesso por cinco minutos para a saída do senhor Antônio Carlos Magalhães e para que ele receba cumprimentos".

Pobre Jader, à elegância de seu gesto só correspondeu o senador Pedro Simon, cutucado por ACM durante seu discurso de renúncia. Levantou-se de sua cadeira, meteu-se entre correligionários, amigos e familiares do ex-senador e foi até ele, estendeu-lhe a mão e despediu-se com elegância. Mesmo que seu terno não fosse lá dessas coisas. Os elegantes eram Jader Barbalho, Pedro Simon, Antônio Carlos Magalhães e Hugo Napoleão, que disse a seu colega Roberto Freire que "baixar o pau em ACM depois que ele deixou o Senado e saiu do prédio, era, no mínimo, desleigante e incorreto". Estava certo Napoleão que, em raros momentos, vestia correta gravata, perfeita para o terno bem cortado que usava. Já Roberto Freire, era um mal ajambrado senador, com um terno cinza mal cortado e o cabelo (pouco) revolto.

Sabem que muitas vezes, a postura acompanha o traje? Bem vestido, postura elegante. Mal arrumado, relaxamento à vista. A inteligência, mesmo sabida e falada, passa despercebida.

*Jornalista

(msoares@gazetamercantil.com.br)